

Elisa Gonçalves Rodrigues¹
Flávio Leonel Abreu da Silveira²

Gatos e humanos em cidades cemiteriais de Belém (PA): paisagens humanimais numa urbe amazônica

**Cats and humans in the cemetery
cities of Belém (PA): human-animal
landscapes in an Amazonian city**

¹ Doutoranda e Mestra em Sociologia e Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte (GEAM). Pesquisadora vinculada à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e membro da diretoria (2025-2029) da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC). E-mail: elisagoncalves00@gmail.com

² Docente adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA) na Faculdade de Ciências Sociais (FACS) e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA). Professor adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA) na Faculdade de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA). Coordenador do Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia (Naverrâncias). E-mail: flabreua@ufpa.br

RESUMO

As relações entre humanos e animais são complexas e multifacetadas no mundo urbano contemporâneo de Belém (PA), abrangendo uma variedade de contextos espaciais e situações culturais que indicam a heterogeneidade sociocultural nas formas dos coletivos humanos se relacionarem com os animais, sejam eles silvestres, domésticos ou asselvajados, nas paisagens urbanas da metrópole amazônica. Pensando essas dimensões, este artigo se propõe a debater as relações humanimais nas paisagens urbano-cemiteriais-mais-que-humanas onde os rituais da vida e da morte constituem formas expressivas da vida social e, portanto, agenciam processos simbólicos e sensíveis dos dois mundos – o dos vivos e o dos mortos. Para tal, a partir da antropologia urbana, das paisagens e das relações humano-animais, buscamos compreender as complexas interações entre humanos e gatos que transitam no Cemitério Santa Izabel e no Parque Cemitério Soledade, ambos localizados em Belém (PA). Nestes termos, buscamos ir além da simples observação dos comportamentos e das práticas de convivência humanimais em cemitérios, explorando as dimensões simbólico-práticas de tais interações nos ambientes cemiteriais belenenses.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagens-urbano-cemiteriais; Relações humanimais; Gatos.

ABSTRACT

The relationships between humans and animals are complex and multifaceted in the contemporary urban world of Belém (PA), covering a variety of spatial contexts and cultural situations that indicate sociocultural heterogeneity in the ways in which human collectives relate to animals, whether wild or domestic. or wild animals, in the urban landscapes of the Amazonian metropolis. With these dimensions in mind, this article proposes to discuss human-animal relations in urban-cemetery-more-than-human landscapes where the rituals of life and death constitute expressive forms of social life and, therefore, manage symbolic and sensitive processes of both worlds. – that of the living and that of the dead. To this end, based on urban anthropology, landscapes and human-animal relations, we seek to understand the complex interactions between humans and cats that pass through the Santa Izabel Cemetery and the Soledade Cemitério Park, both located in Belém (PA). In these terms, we seek to go beyond the simple observation of human behaviors and coexistence practices in cemeteries, exploring the symbolic-practical dimensions of such interactions in belenense cemetery environments.

KEY WORDS: police dogs; police modernization; animal corporalities; working animals; animal sociology.

INTRODUÇÃO

*Todo mundo sabe: onde tem cemitério, tem gato.
(Fátima ChuEcco)*

As paisagens citadinas, por serem um conjunto de lugares vividos/praticados por pessoas – e todos os seres que com elas coexistem constituindo uma ecologia urbana mais-que-humana – estão repletas de coisas, memórias, narrativas e performances que indicam as dinâmicas sociais que conformam as auras que animam tais espaços sensíveis. Elas apontam para o fato de que as cidades ao constituírem formas ecoantropológicas próprias - vinculadas às suas diversas configurações socioambientais e imaginárias urbanas - vibram tais paisagens. Há, portanto, uma heterogeneidade sociocultural e infraestrutural, que constituem os diversos mosaicos urbanos. Neste sentido, os cemitérios de uma cidade são o exemplo de localidades espaciais complexas que apontam para a fisionomia citadina como lugar de entrelaçamento de mortos e vivos (Santos, 2016). Ora, pela cidade dos mortos circulam muitos vivos, humanos e não-humanos. Assim, ela também se perpetua no modo como as relações humano-animais acontecem no meio urbano, e em como tais interações conformam experiências paisageiras, mais especificamente na metrópole amazônica que é Belém (PA).

Neste artigo, optamos por discutir tais relações e seus trânsitos nas *paisagens urbano-cemiteriais*, buscando relacionar os estudos a respeito das paisagens, da sensorialidade, bem como da antropologia urbana e das relações humano-animais³. Nossas reflexões buscam articular tais campos de estudo tentando compreender as complexas interações entre seres humanos e animais no mundo urbano contemporâneo de Belém, considerando as vicissitudes histórico-culturais da cidade vinculadas aos espaços cemiteriais estudados. Nestes termos, buscamos ir além da simples observação dos comportamentos e das práticas de convivência humanimal em cemitérios, explorando as dimensões simbólico-práticas de tais interações nos ambientes cemiteriais belenenses.

O interesse pelo animal como o “outro” emerge de um arcabouço teórico desenvolvido nas últimas décadas no campo antropológico e possibilitou pensar os animais como agentes que nos acompanham na constituição do mundo social (Perrota, 2020), portanto, a partir da dimensão coexistencial da vida vivida em comum num lugar praticado (Certeau, 1994), num dado contexto de interações mais que humanas. Nesta direção, Ingold (1994) se debruça sobre as relações entre humanos e animais através de estudos interdisciplinares, mais diretamente entre antropologia e biologia, possibilitando um questionamento radical quanto à dicotomia entre natureza e cultura. O autor propõe o que denomina de antropologia ecológica, quando as relações entre humanos e não-humanos se tornam importantes para as reflexões conduzidas por pesquisadores

³Agradecemos a leitura crítica e atenciosa de Andréa Osório e suas valiosas contribuições para este manuscrito, mas ressaltamos que qualquer falha textual é responsabilidade nossa.

sensíveis ao complexo universo não-humano vivo e, assim, centrais para as Ciências Sociais, inaugurando um campo de investigação sólido e consolidado nos dias atuais, especialmente no contexto brasileiro.

Perceber os animais enquanto personagens agentivos constituintes das paisagens urbano-cemiteriais e, mais especificamente, constituintes das dinâmicas socioculturais do local onde habitam, revela-se um esforço de (e para) pensar essas interações nos mundos urbanos e cemiteriais de Belém do Pará. Um estudo desta ordem propõe, então, uma perspectiva para perceber as paisagens-urbano-cemiteriais que, segundo Elisa Rodrigues (2023), enfatiza a integração entre espaços destinados ao descanso eterno dos mortos (cemitérios) e as dinâmicas da vida cotidiana, englobando humanos e não-humanos. Trata-se de uma perspectiva na qual os cemitérios, em vez de serem consideradas áreas isoladas ou periféricas, tornam-se parte integrante do tecido urbano, podendo abrigar espaços de convivência, lazer, contemplação e, por certo, de pesquisa.

As investigações etnográficas presentes neste artigo se centram em dois cemitérios urbanos da capital paraense, quais sejam: o Cemitério Santa Izabel, localizado no bairro do Guamá, e o Parque Cemitério Soledade, localizado em área nobre, no bairro Batista Campos, ambos estudados entre os anos de 2021 e 2024 para a dissertação (Rodrigues, 2023) e tese (em andamento) da primeira autora, sob orientação do segundo autor. Alinhados à essa trajetória de pesquisa, tais questões não eram o foco central dos estudos até então desenvolvidos pela primeira autora, que neste período estava e continua interessada nas relações e nas emoções que as pessoas estabelecem com as necrópoles e, especialmente no doutorado, a respeito das relações humanas e não-humanas atreladas aos cultos e sociabilidades entre devotos e santos populares no Cemitério Santa Izabel.

No entanto, neste percurso, é preciso destacar que os gatos sempre tiveram, mesmo que indiretamente, sua presença demarcada no espaço cemiterial, seja pelas relações criadas entre os visitantes e eles, ou pelo abandono dos felinos nestes lugares. Para além disso, os gatos também participamativamente de expressões imaginárias belenenses neste espaço sagrado, ora ocupando o lugar de mau agouro, atrelados à morte quando visualizados dentro dos cemitérios, ora sendo parte dos processos-rituais, ainda muito comuns em zonas periféricas, sendo muitas vezes sacrificados e oferendados. Independente da posição que estes animais estejam, eles sempre eram relatados em entrevistas de transeuntes, de visitantes e dos próprios administradores dos cemitérios, todos muito preocupados com o extenso e frequente abandono dos gatos nos portões e gradis tumulares, ou mesmo dentro dos mausoléus.

Tentando compreender essas variadas formas de nos relacionarmos com os felinos em diferentes pedaços (Magnani, 2022) dessas cidades cemiteriais, na primeira seção do artigo, discute-se, teoricamente, a formação da paisagem cemiterial urbana mais-que-humana experienciada e praticada através dos sentidos e dos afetos (Le Breton, 2019) promovidos por estas relações – entre humanos e gatos – em tais contextos na urbe belenense. Já na segunda seção, há um esforço para compreendermos o trânsito dos gatos no espaço cemiterial, bem como as relações entre

humanos e não-humanos tanto no Cemitério Santa Izabel como no Parque Cemitério Soledade.

PAISAGENS URBANO-CEMITERIAIS: APREENSÕES DO SENSÍVEL NOS TRÂNSITOS E USOS DA CIDADE CEMITERIAL

As reflexões em torno das memórias e como elas se conectam à vida vivida e/ou cotidiana são perspectivas fundamentais para a investigação no campo antropológico, especialmente quanto à pesquisa acerca dos cemitérios urbanos. Uma das estratégias (Certeau, 1994) para adentrar esses aspectos é a partir da percepção sensorial atrelada à uma antropologia dos sentidos, tal qual pressupõe Le Breton (2012), mas não só, como se notará no decorrer desta seção. Estes sentidos, que tensionam o sensível do espaço cemiterial e suas paisagens compostas por camadas de memórias, apresentam uma forte e íntima relação com a percepção sensorial e com nossos sentidos, que se desdobram a partir de tais vivências, como mostra Santos (2016) em sua pesquisa nos cemitérios aracajuanos de Sergipe. Independente de qual seja o lugar, as paisagens revelam-se uma realidade complexa, que transitam por todos os sentidos, sendo assim, compostas por componentes naturais e culturais tangíveis e intangíveis (Parada, 2018).

Observa-se, então, que a evocação de lembranças e o engajamento na constituição de afetividade precede uma visita ao local, seja sob curiosidade, pesquisa ou visitas frequentes. Essas formas de idas ao cemitério, mas não só, envolvem uma interação com a materialidade do ambiente - as infraestruturas cemiteriais, a configuração espacial, a arborização, entre outros -, o contato com elementos humanos e não-humanos e a disposição para formação de novas relações com as figuras presentes no local. Esses processos ocorrem constantemente, e não apenas quando somos deliberadamente convidados a refletir sobre eles. Mesmo em situações cotidianas e triviais, estabelecemos conexões com eventos passados, pois os sentidos servem como uma dimensão que nos conecta ao mundo, podendo notar que a percepção desses lugares está, de alguma forma, associada à memória, que complementam as paisagens que se materializam na duração do tempo.

Um exemplo interessante aparece em Sutton (2011), quando investiga as práticas culinárias da ilha de Kalymnos, concentrando seus estudos sobre o paladar, quando atribui à memória um papel central. Além de examinar os elementos relacionados ao gosto, o autor aborda os sentidos de maneira abrangente, conceituando-os de uma forma cada vez mais latente nas Ciências Humanas, compreendendo que a dimensão do sensível se revela como um tipo de canal comunicativo e criativo entre nós e o mundo, pois a visão tradicional dos sentidos contempla outros receptores que emanam do exterior.

Considerando a presença dos sentidos como participantes ativos na interação entre indivíduos e o ambiente percebido, bem como praticado por seus transeuntes e moradores, ocorre uma equiparação com a memória. O autor, em suas investigações, observa que durante o processo de alimentação, estamos, em certa medida, estabelecendo uma ligação com todas as refeições anteriores. Este mesmo processo, afirma, é moldado por expectativas e memórias (Sutton, 2011, p. 471). Nota-se, então, que não só os alimentos possuem essa característica, mas toda nossa capacidade de percepção sensorial.

O toque, o cuidado e o apego também são evocados através dos sentidos (Le Breton, 2016) como emoções (Le Breton, 2019) que ligam e afetam (Favret-Saada, 2010) as relações nos espaços cemiteriais, também quando pensamos nas espécies companheiras (Haraway, 2022), como os felinos. As relações construídas com os gatos presentes no local, bem como suas andanças em conjunto com os visitantes, constituem experiências paisageiras e sensíveis em que tais relações se imbricam e particularizam em tais paisagem. Portanto, o contato entre humanos e não-humanos (des)encadeiam sujeições de afeto (Osório, 2013) quanto à memória do/no lugar e, consequentemente, no desejo de retornar ao local para reviver o contato com os felinos e compor, junto com eles, imagens e paisagens na urbe, que se repetem em diferentes frequências por inúmeros visitantes.

Ainda, para Sutton (2011, p. 472), a memória faz uma ligação entre passado, presente e futuro de uma forma direta, onde “o presente é preenchido com significado assim como as pessoas buscam momentos do passado que são sentidos para iluminar e enriquecer uma impressão do futuro”. Este movimento também se aproxima da composição de paisagens, especialmente as mais-que-humanas. Durante a percepção, e através de nossos sentidos, a memória apresenta a capacidade de dar significado às ações presentes, assim como também influencia atitudes para momentos futuros. Tal exercício é facilmente visualizado nas idas e vindas por entre os trânsitos nas cidades (Bosi, 2003) e cemitérios aqui abordados, principalmente quando envolve a sociabilidade entre espécies e, neste sentido, uma perspectiva de cuidado em relação aos felinos que habitam o campo santo.

A análise se estende à durabilidade temporal das paisagens, bem como dos sujeitos que as compõem, revelando como elas se edificam ao longo do tempo e, consequentemente, a preocupação humana com o sepultamento dos mortos mediante a constituição de espaços cemiteriais. Ao adotar uma perspectiva fenomenológica das paisagens, Tilley (2014) esclarece que tanto os indivíduos quanto os objetos e lugares são entidades temporais. A passagem do tempo permeia tais entidades, caracterizando-as como seres não estáticos, que estão sempre se recompondo. Para o autor:

Nossa existência corporificada e percepção do mundo envolvem um incessante alongamento do presente ao passado, no que ambos se conectam e se postam em relação ao futuro. Assim, a experiência é constituída com as cores do tempo. Memórias de lugares que visitamos

outrora colorem nossas percepções atuais e, também, como encaramos o futuro e o novo (Tilley, 2014, p. 36).

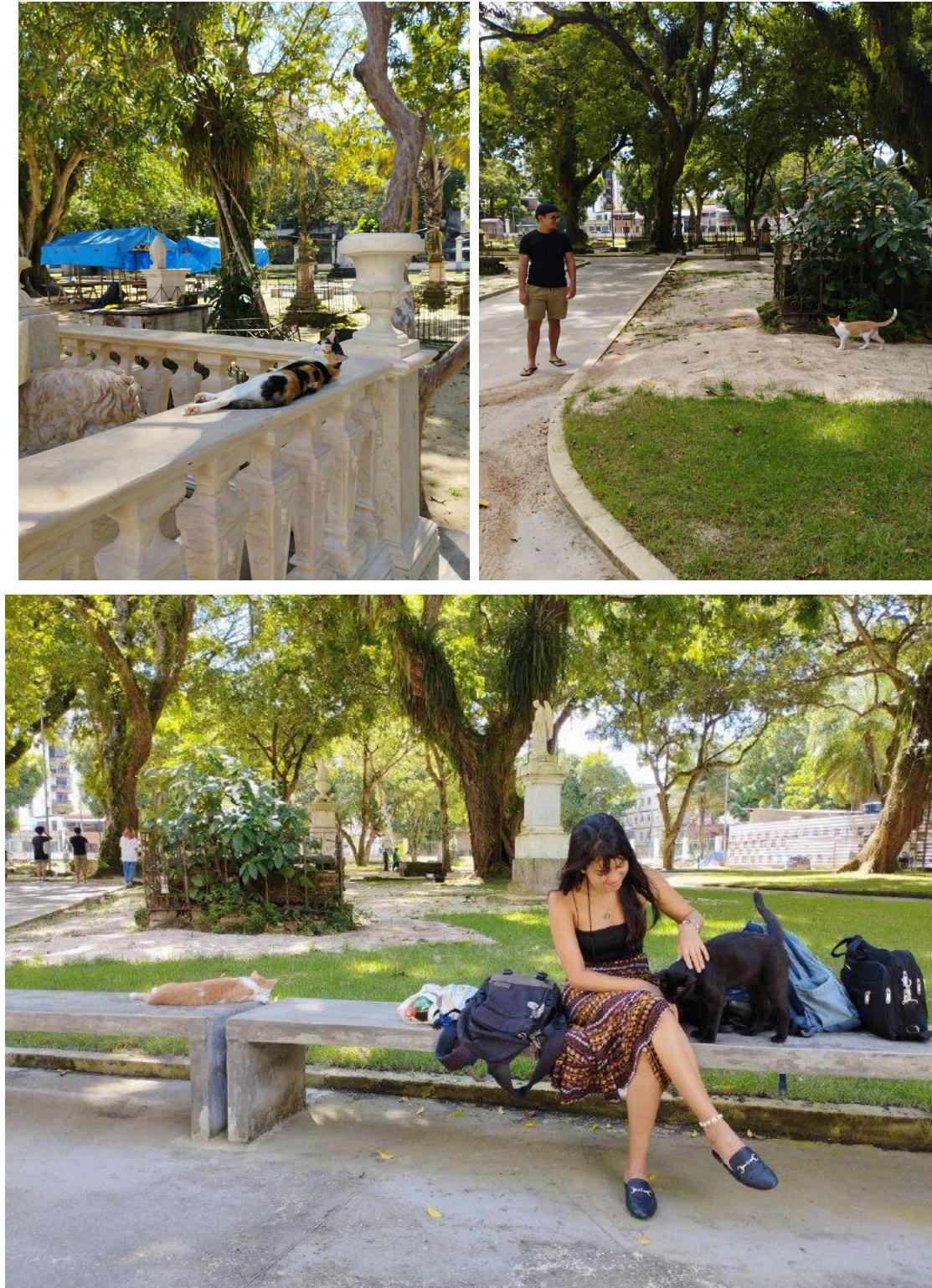


Imagen 1: Colagem- Gatos e humanos no Parque Cemitério Soledade (PA). Fonte: Elisa Rodrigues, 2023.

A percepção sensorial opera de maneira contínua, transitando incessantemente entre o presente e o passado, culminando no retorno ao presente para prospectar o futuro. A apreensão de um objeto ou paisagem transcende tanto as perspectivas culturais quanto às dimensões temporais, estas últimas sendo encapsuladas pela memória. Ambos, cultura e memória, são imbuídos de significados: ao perceber o presente ou registrar o passado, estamos, de fato, em busca de conhecimento e preenchendo os momentos com relevância, dado que "o passado e o presente se entrelaçam mutuamente: o segundo influencia o primeiro, e o primeiro reconfigura o segundo" (Tilley, 2014, p.36). Com essa compreensão, é possível inferir que nossas abordagens em relação a objetos, espaços e paisagens são experiências corporais e temporais, moldadas dentro de um contexto social e cultural específico.

Cada lugar, situação ou animal pode ser associado a estímulos sensoriais específicos, como o aroma que descreve uma refeição favorita, o que remete a tempos saudosos, o sabor que indica felicidade, a visão que descreve o paraíso e o toque que proporciona prazer, evocando lembranças de texturas específicas que nos empolgam, apenas para citar alguns exemplos. Essas memórias, afetos e sentidos formam uma cadeia de imagens que, por sua vez, conferem significado às paisagens. A interação entre memória e sentidos desempenha um papel fundamental na atribuição de significado ao nosso mundo, conferindo sentido a momentos, pensamentos, pessoas, objetos, lugares, relações, incluindo animais. Assim,

[a] paisagem é um fenômeno do ser porque tem relação com o sujeito que sonha, percebe e representa. Ao permitir-se o repouso e o mergulho para o interior das coisas, dos elementos que a constituem e que abarcam sentidos, torna-se capaz de organizá-la numa totalidade que é a sua própria representação. A paisagem existe como tal porque sua força vibrante está no imaginário, enquanto conjunto complexo de imagens sobre as quais repousa toda a simbolização. Este pluralismo de imagens, portanto, resguarda a capacidade de criar formas sutis, onde o mito e a poesia são possíveis (Silveira, 2009, p. 77).

Com os cemitérios não seria diferente, e os felinos fazem parte da poética de suas paisagens: as colônias de gatos presentes nas localidades dos espaços cemiteriais estudadas evocam formas sensíveis de interações, promovendo socialidades mais-que-humanas (Tsing, 2019). Ao longo do tempo, humanos e animais se relacionam transformando lugares ao praticá-los juntos, alterando-os e formando paisagens humanimais que, inclusive, caracterizam determinados lugares por suas presenças como formas sensíveis – interespécies - da vida social (Sansot, 1979). Necrópoles como locais de abandonos de animais também revelam as agências felinas, especialmente se considerarmos a perspectiva sensível e liminar (Turner, 1974) relacionadas aos gatos, já que em algumas tradições culturais como àquelas praticadas no Egito antigo, são entendidos como guardiões espirituais das casas contra espíritos malignos, e para além dessa função,

também eram associados às divindades, como a deusa *Bastet*, representada como uma gata, tida como um símbolo de proteção, fertilidade e alegria. Em contrapartida, por outras culturas, como as praticadas nos Estados Unidos no período da caça às bruxas, principalmente em Salem, acreditava-se que os gatos pretos eram a manifestação do diabo, e tanto naquela época quanto atualmente, os felinos acabam banidos por esses e outros fatores para dentro de ambientes afastados como os cemitérios.

Se todas as memórias são moldadas pela influência de nossos sentidos, originando-se e sendo comportadas por eles, então os processos mnemônicos estão constantemente em operação (Santos, 2016) na vida vivida. Isto ocorre continuamente quando entramos em contato com a materialidade e seus signos, proporcionando-nos a oportunidade de vivenciar e articular as paisagens em uma experiência que é simultaneamente coletiva e individual, e isto inclui os não humanos vivos – para o caso que nos interessa, os felinos que habitam espaços cemiteriais. Neste contexto, a memória deixa de ser concebida meramente como um depósito de informações do passado, transformando-se em uma complexa rede de significados, materialidades, paisagens, identidades e imaginações que vinculam as pessoas aos contextos e, consequentemente, aos animais que coexistem com elas.

Conforme delineado por Tilley (2014), quando consideramos que a vivência humana se origina no corpo e se espalha nos espaços do mundo, emergimos em uma concepção de paisagem que transcende a ideia de localidades estáticas, meramente passíveis de observação e contemplação, para lidarmos com seus dinamismos. Nesse contexto, as paisagens podem ser caracterizadas como um amálgama percebido e internalizado de interações entre lugares, alicerçados nas estruturas do sentimento humano, abrangendo emoções, permanências, movimentos e práticas em uma determinada região geográfica, cujas fronteiras ou limites não estão necessariamente delimitados.

Schama (1996) comprehende a paisagem e a memória ao longo da história, abordando o tema relacionado à como lugares e espaços físicos podem ser carregados de significados culturais e históricos. O autor transita por diferentes períodos e regiões, examinando como as paisagens foram moldadas e transformadas por eventos históricos, culturais e sociais ao longo do tempo. Ele argumenta que a paisagem não é apenas um cenário passivo, mas sim um palco ativo que influencia e é influenciado pela história humana, portanto implica agenciamentos recíprocos de diversos existentes na configuração da mesma.

Ou seja, as paisagens urbano-cemiteriais não são exclusivamente direcionadas para a contemplação, representação e avaliação derivada da perspectiva objetivista, a qual supervisiona a compreensão de que as paisagens são, de fato, espaços onde a vida se desenrola, onde a vida é vivida. Nesses ambientes, ocorre a interação social entre indivíduos e objetos, o tempo transcorre e expressões culturais se manifestam em relação àqueles que se foram. Por isso, estar em um lugar é constituí-lo e também compor ativamente parcela de sua paisagem, desenvolver narrativas, criando laços diversos com determinado cenário.

Ainda, para Tilley (2014), as paisagens especificam-se como amalgamações de lugares que congregam elementos distintos como pessoas, memórias, estruturas, histórias, mitos e símbolos. As dualidades entre o mental e o material, o simbólico e o prático, o selvagem e o doméstico mobilizam as paisagens, que representam coleções complexas de estruturas e significados intrinsecamente vinculados a uma determinada localidade (Tilley, 2014, p. 51). Neste contexto, uma paisagem desempenha papel crucial nos jogos de memórias e sentidos, uma vez que é nela que a percepção se desdobra e onde as memórias vibram, estabelecendo relações comunicativas entre os elementos que a constituem agentivamente, portanto, em termos processuais. Ao transitar pela paisagem, torna-se possível discernir a presença de pessoas, não humanos vivos, objetos e lugares, enquanto a apreensão da materialidade presente nesses espaços evoca as memórias que exercem influências sobre os momentos presentes. Este processo culmina na atribuição de significados às experiências da vida situadas em determinados contextos, condicionada pelos termos nos quais os encontros ocorreram.

O engajamento corporal em questão demanda mobilidade no âmbito do espaço a ser percorrido. A interação física estará intrinsecamente relacionada à percepção, tanto de objetos quanto de locais praticados. A progressão na paisagem proporciona a apropriação contínua dos elementos emergentes nos espaços circundantes, à medida que a distância é ampliada dentro do ambiente. Neste contexto, Degen e Rose (2012), ao investigarem centros urbanos, propõem uma discussão sobre as experiências sensoriais em ambientes urbanos. Os pesquisadores sustentam o debate de que dois elementos desempenham papéis mediadores na percepção desses locais: o ato de caminhar e a memória, tal qual compreendem Cornelia Eckert e Ana Rocha (2003), através da chamada Etnografia de Rua, perspectiva importante para a pesquisa realizada nos referidos cemitérios de Belém e que contempla as interações entre humanos e felinos em ambos os locais. Sendo assim, da mesma forma como sabemos que a movimentação é um dos principais fatores da percepção, temos que a memória influencia na navegação entre prédios e outras estruturas urbanas, bem como nos trânsitos sensíveis que imbricam elementos heteroclitos nas paisagens citadinas e, especialmente, nas cemiteriais.

A construção das memórias está intrinsecamente relacionada às vivências e aos encontros sensoriais, sendo, portanto, influenciadas por experiências pregressas em lugares vividos. Eckert e Rocha (2003) observaram que, ao vivenciarmos os centros urbanos como objeto de pesquisa no momento presente, ocorre a evocação da memória associada a esses mesmos espaços em períodos passados, e a necessidade de revolver as suas camadas temporais a fim de compreendermos as dinâmicas espaço-temporais na conformação das paisagens citadinas.

Tal dimensão da vida urbana também se manifesta em locais sagrados, como os cemitérios de interesse no contexto deste artigo. Para as autoras, edifícios, ruas e praças poderiam ser vistos, ouvidos e cheirados através de memórias, enfim, do que foi gravado nestes locais – as paisagens-marcas (Berque, 1998) – mas, também, daquelas imagens que

não são mais visíveis, como odores, edifícios desaparecidos, *glamour*, de modo que a experiência sensorial de ambientes construídos não é inteiramente uma consequência da presente materialidade desses edifícios (Degen; Rose, 2012, p. 3280), já que existe uma memória do lugar que é sutil e subterrânea, constituindo suas camadas temporais (Silveira, 2009) evocadas pelas narrativas daqueles que contam histórias acerca da cidade, incluindo a dos mortos, e onde os felinos deambulam certamente desde longa data.

Como ambientes que constituem paisagens do medo (Tuan, 2016), os cemitérios particularizam sensorialidades horripilantes e fúnebres que estão condensadas em suas paisagens. Gilbert Durand (1989, p.66) categorizou como dimensões do medo, pois a “hora do fim do dia, ou a meia-noite sinistra, deixa numerosas marcas terrificantes: é a hora em que os animais maléficos e os monstros infernais se apoderam dos corpos e das almas”. Por ser a “noite concedida aos defuntos”, conforme Schmitt (1999, p.198) destaca, as almas penadas e os defuntos, assim como os gatos pretos, do Cemitério Santa Izabel ou do Parque Cemitério Soledade estão ligados à experiência do medo (Delumeau, 1996) – uma “paisagem do medo”, de acordo com Tuan (2006) – e, por isso, tais paisagens acabam propiciando eventos emocionalmente desestabilizadores, pois as pessoas experimentam sensações de terror e angústia diante do desconhecido e do misterioso ao se depararem com o assombroso (Silveira; Soares, 2012, p. 156), ou as formas felinas que deslizam no lusco-fusco como figurações fantasmagóricas.

Conforme Pellini (2014, p. 134), vivenciamos diariamente diversas situações e práticas, sendo que algumas deixam marcas de fidelidade em nossa memória, enquanto outras se dissipam permanentemente. A memória é intrinsecamente ligada às experiências que experimentamos, sendo construída e resgatada por meio de nossas lembranças, para posteriormente ser abandonada e convocada novamente em contextos diferentes. Isso faz parte da dinâmica de comunicação estabelecida entre nós e os ambientes, incluindo suas materialidades e, por certo, à coexistência com certos animais. Nestes termos, os gatos que habitam os espaços cemiteriais fazem parte deste jogo de lembranças e esquecimentos, quando pensamos em ambos os cemitérios da cidade de Belém.

A capacidade de evocar memórias relacionadas aos centros urbanos varia entre indivíduos, dependendo da ativação da atenção por meio de signos, materiais presentes nesses locais e entes vivos. As experiências de vida e as transformações no espaço desempenham um papel crucial na percepção de uma nova paisagem e na possibilidade de rememorar aspectos (marcas, inscrições, desenhos, nuances) daquele lugar específico. Conforme observado por Pellini (2014), as memórias estão em constante processo de (re)construção, uma vez que lembrar implica em um processo ativo de seleção das informações e estímulos previamente vivenciados.

A partir desse debate teórico sobre paisagem, relações humano-animais e espaços cemiteriais, isto é, de paisagens urbano-cemiteriais-mais-que-humanas, é possível reforçar que os cemitérios são paisagens marcadas por significados simbólicos e sociais,

sendo moldados tanto pela memória dos mortos, quanto pela dinâmica dos vivos que os frequentam. Nesse contexto, os gatos desempenham um papel singular, constituindo parte essencial desses espaços. Comumente vistos entre os túmulos, eles evocam uma aura de mistério e liminaridade, conectando o mundo dos vivos ao dos mortos. Em várias culturas, os felinos possuem associações com o sagrado e o sobrenatural, intensificando o caráter simbólico dos cemitérios. Sua presença transforma esses lugares em territórios de transição, onde o silêncio e a contemplação se fundem com a ideia de proteção e continuidade. Assim, os gatos, como habitantes desses ambientes, reforçam o caráter multifacetado das paisagens cemiteriais.

Além de suas associações simbólicas, os gatos também promovem formas de sociabilidade nos cemitérios. Visitantes e funcionários frequentemente interagem com esses animais, alimentando-os, cuidando deles e, muitas vezes, incorporando-os ao cotidiano do local. Essas interações humanizam os espaços cemiteriais, permitindo que, mesmo em meio ao luto, emergam laços de afeto e cuidado entre humanos e animais. Os gatos, por sua vez, tornam-se guardiões silenciosos do ambiente, influenciando a maneira como as pessoas vivenciam tais espaços. Assim, os cemitérios, longe de serem apenas territórios de morte, transformam-se em cenários onde a vida, em diferentes formas, insiste em se manifestar. A presença dos gatos, portanto, simboliza uma ponte entre o natural e o cultural, o emocional e o espiritual, enriquecendo as paisagens com sua participação ativa, conforme iremos discorrer na próxima seção.

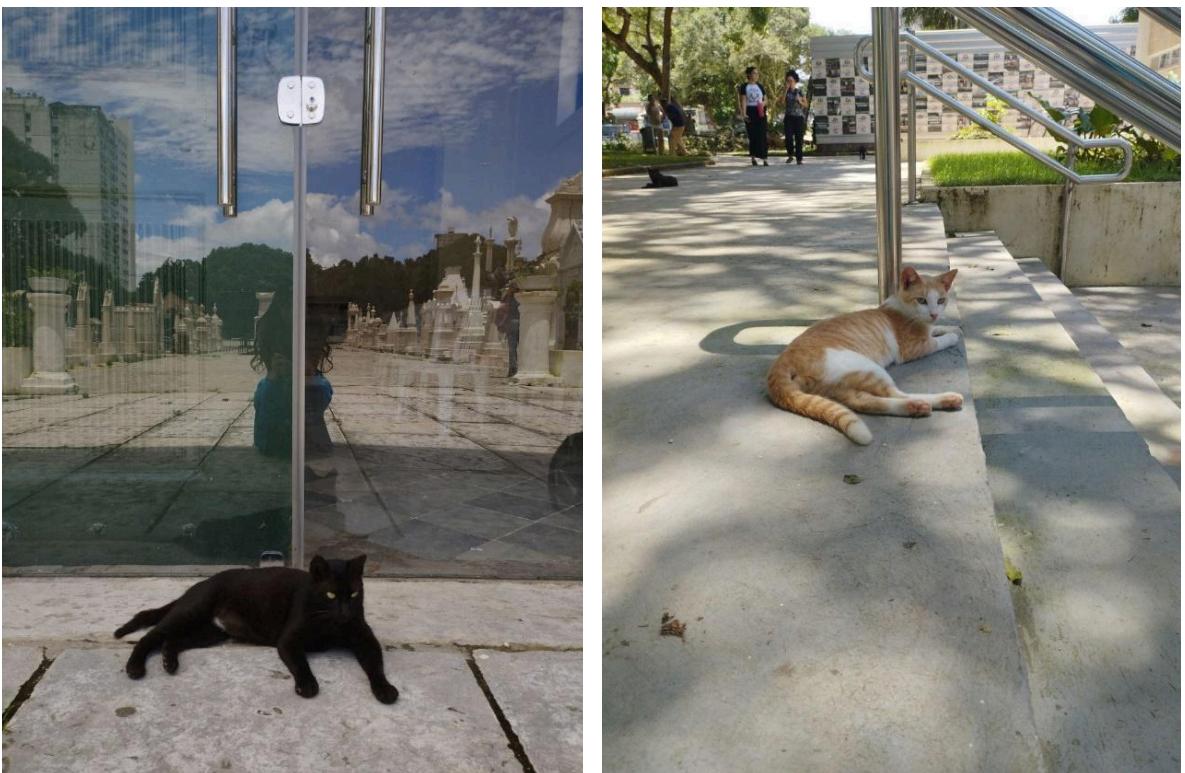


Imagen 2: Colagem- Gatos na paisagem urbano-cemiterial no Parque Cemitério Soledade (PA). Fonte: Elisa Rodrigues, 2023.

GATOS E HUMANOS TRANSITANDO NOS ESPAÇOS CEMITERIAIS DE BELÉM DO PARÁ

É importante iniciar esclarecendo que gatos não são os únicos animais que frequentam ou habitam cemitérios e muito menos os únicos que carregam mau agouro do/no lugar. Animal utilizado em rituais e associado ao sobrenatural, o gato é particularmente ambíguo (Osório, 2010). Tratando-se dos não-humanos, as aves eram um dos recursos que se utilizavam para predição dos bons ou maus acontecimentos na Roma antiga. A leitura das possibilidades era feita através do voo ou canto das aves (*Avis Spicum*, em latim). Os pássaros mais usados para isso eram a águia, a coruja, o corvo e a gralha. Ainda hoje perdura, popularmente, a conotação funesta com qualquer destas aves, especialmente se relacionadas a cemitérios. Esse histórico também recai sobre os gatos pretos, animais que ora foram sagrados na cultura egípcia, ora demonizados e extermínados em meio ao surto da peste negra na Europa pelo Papa Gregório IX durante a Inquisição (Darnton, 1986).

Diante da dualidade simbólica do gato, que tanto pode representar boa sorte quanto maus presságios, a depender de sua inserção cultural, Osório (2010) argumenta que essa ambivalência se relaciona com as características comportamentais do animal, como sua independência, sutileza e postura enigmática, que evocam mistério e fascínio, mas também desconfiança. A autora ainda explora como o gato aparece em narrativas literárias e artísticas, simbolizando elementos como sedução, liberdade e introspecção, desempenhando papéis simbólicos, como aparece nas obras de Edgar Allan Poe (2008) e Charles Baudelaire (2006), que utilizaram a imagem do gato para evocar temas relativos ao mistério, morte, terror e introspecção psíquica.

Desde longa data, a figura dos felinos está atrelada a seitas, rituais e magias, e comumente são percebidos em cemitérios, hospitais e necrotérios como sinais de má energia, morte e como portadores de doenças, especialmente os gatos pretos, entendidos como portais espirituais, e por isso, os mais utilizados para sacrifícios-rituais (Mauss, 2003; Turner, 1974). Ainda que sejam encarados como sinal de boa sorte em outros espaços, como nas culturas Egípcias, Japonesas, Turquesas e Chinesas, estes animais seguem estigmatizados pelas crenças populares de outras práticas-culturais ao redor do mundo. Sabe-se que, quando aparecem em determinados horários, cumprem sua missão/significação frente às vicissitudes e mistérios da vida quanto ao sobrenatural, que pode ser retraçado, entre muitas outras literaturas, nas obras de Delumeau (1996), quando retrata o medo no Ocidente, ou mesmo na divergência de narrativas sobre o animal com o passar do tempo, se valendo dos processos da lembrança e do esquecimento, como aponta Ricoeur (2007) para se (re)inventarem.



Imagen 3: Colagem- Gato por entre os túmulos no Cemitério Santa Izabel (PA).

Fonte: Elisa Rodrigues, 2023.

Por carregarem tais estigmas, o abandono de gatos, sobretudo de gatos pretos, estimula as crenças locais sobre o azar e mau agouro dos felinos, porque devem ficar distantes dos vivos e próximos aos mortos, como é o caso dos cemitérios, que por sua natureza liminar, são espaços que frequentemente abrigam o marginal, o que está fora das normas e das estruturas de controle da vida cotidiana, portanto, nas margens. Gatos são vistos como animais autônomos e, por vezes, quase "selvagens" – quando não, asselvajados. Mesmo quando domesticados, ecoam essa visão de marginalidade. Suas vidas errantes e independentes dialogam com o caráter periférico e isolado que muitos cemitérios possuem nas paisagens urbanas. Por isso, os gatos, ao se abrigarem nos cemitérios e usarem desses lugares como refúgios, transformam tais espaços em ambientes vivos, onde pulsa uma ecologia sutil mobilizada por redes ecossistêmicas e simbólicas urbanas que se entrecruzam. Eles trazem uma presença vital a ambientes que são, simbolicamente, dedicados à morte. Essa coexistência reforça a ideia de que os cemitérios não são apenas lugares de ausência, mas também espaços de continuidade da vida, de expressões imaginárias sensíveis, onde coexistem vivos e mortos, por onde os gatos parecem transitar com facilidade.

Para além dos estigmas e suas amplas representações nos cinemas e nos livros, e ainda que ocupem variadas posições nas tradições que reverberam crenças populares, os gatos são percebidos com desconfiança, ainda que sejam sujeitos de afeto (Osório, 2013). Note-se que a partir dos

esforços do campo das relações humano-animais em remover as separações entre natureza e cultura, corpo e mente, humano e não-humano, buscamos pensar, especialmente através do lugar da etnografia na antropologia, as variadas composições hierárquicas e usabilidade dos espaços que os gatos e os humanos constituem no mesmo ambiente. Se por um lado, tais dimensões nos permitem explorar as diferentes formas como as sociedades humanas entendem e se relacionam com a natureza (Descola; Palsson, 2001) e os animais, por outro possibilita-nos refletir sobre os modos de compreensão a respeito de como eles fazem parte da rotina dos trabalhadores das cidades cemiteriais, bem como dos visitantes, além de visualizarmos como se agrupam coletivamente para desenvolver suas práticas, como comer, caçar, jogar e dormir.

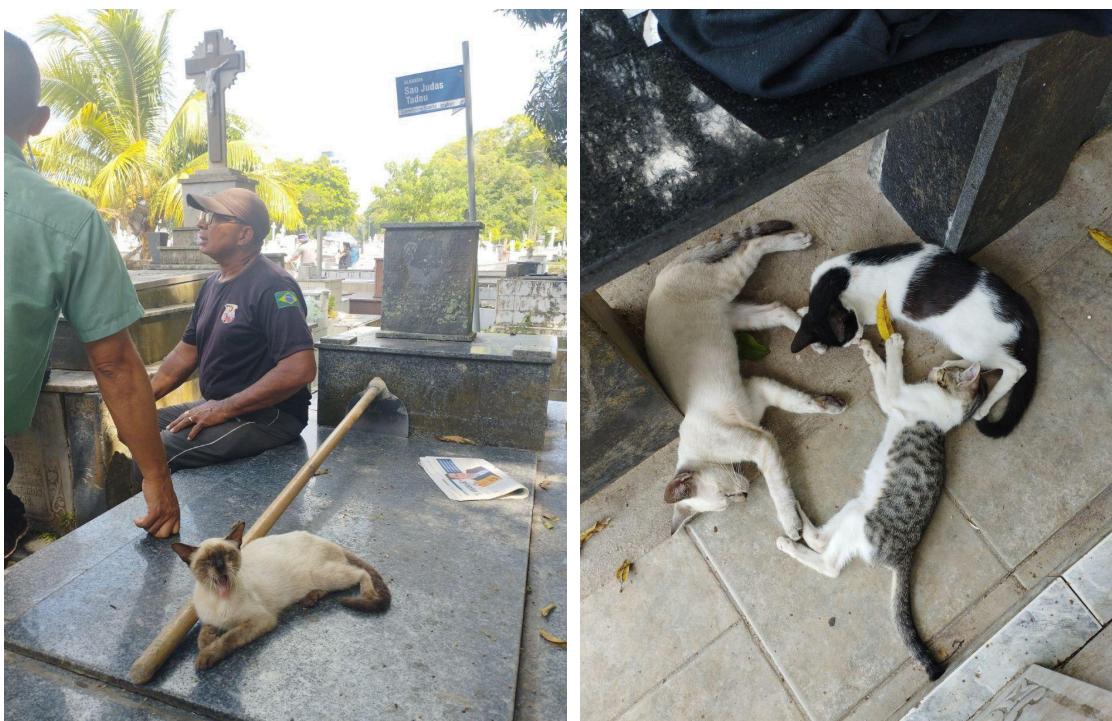


Imagen 4: Colagem- Gatos no cotidiano cemiterial no Cemitério Santa Izabel (PA). Fonte: Elisa Rodrigues, 2023.

Delaporte (1988) indica que colônias de gatos ocupariam interstícios deixados pela urbanização, como terrenos baldios e zonas de demolição, por exemplo, mas também lugares públicos abertos, como jardins e cemitérios, ou mesmo, fechados, como hospitais, sobrevivendo do ambiente “altamente humanizado” (Delaporte 1988: 37), já que a

[...] escolha do local do abandono é realizada em diversos níveis. A medir pelas colônias conhecidas pelo grupo analisado, espaços ao ar livre e amplos, de preferência arborizados e “sem dono”, são os preferidos. Algumas vezes terrenos baldios, estacionamentos e prédios fechados caem nessa classificação e lá se encontram

colônias pequenas, de poucas dezenas de gatos, conforme relatos. São não-lugares (Augé 2008), não habitados por humanos — ou, nas palavras de Delaporte (1988), interstícios urbanos, embora com proximidade humana — onde despejam-se gatos. Os locais arborizados passam a ser um simulacro de natureza, em oposição à “selva de pedra”, ou “de cimento e concreto”. (Osório, 2013, p. 159).

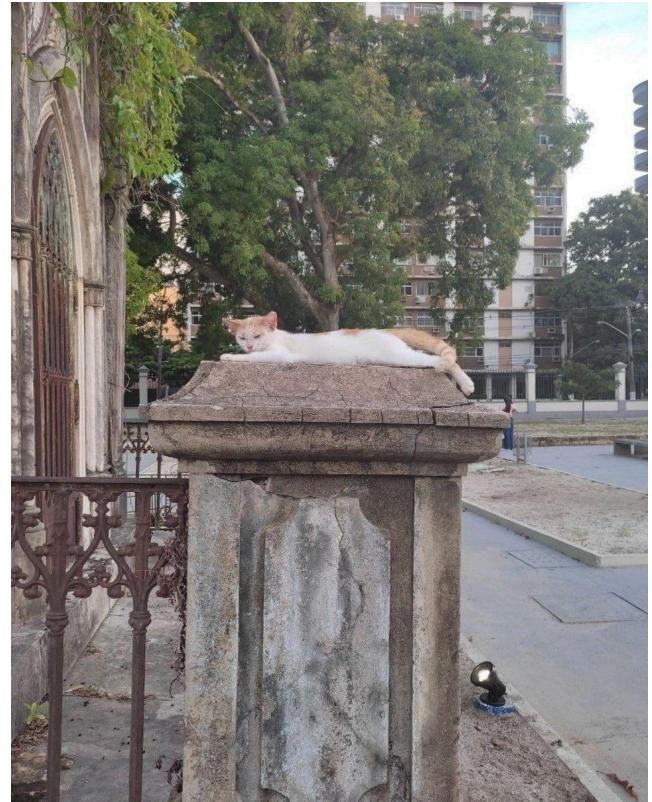


Imagen 5: Colagem- Gatos interagindo com visitantes no Parque Cemitério Soledade (PA). Fonte: Elisa Rodrigues, 2023.

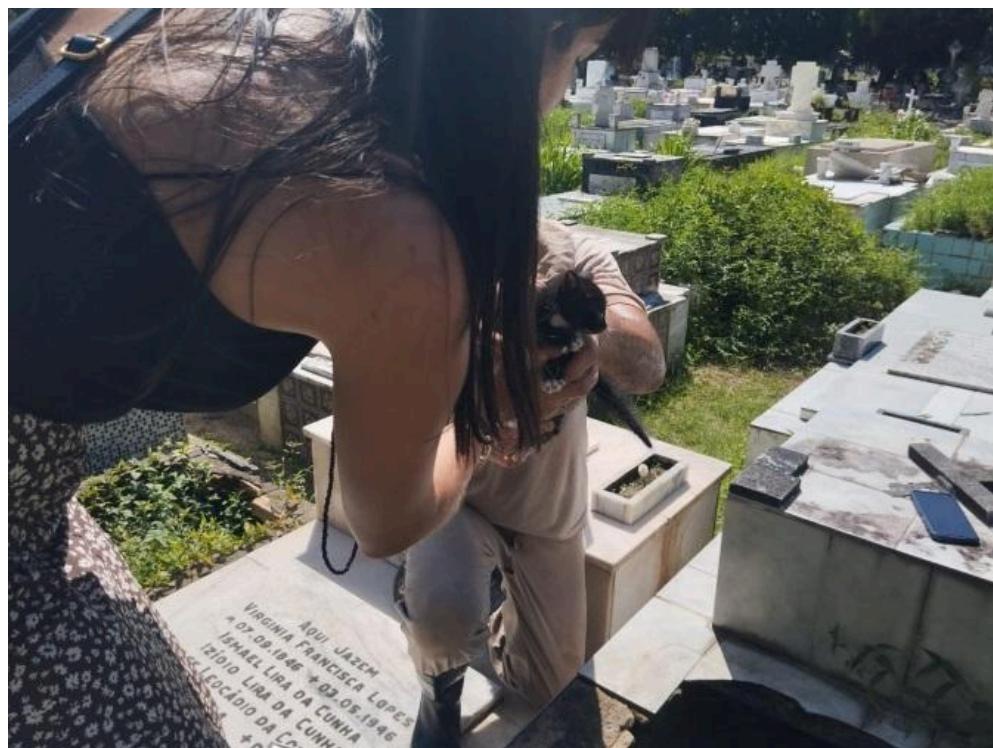
As relações entre gatos abandonados e os humanos são complexas quando se pensa em cidades dos mortos, pois tanto há quem os abandone em cemitérios quanto quem os acolha nas necrópoles, tangenciando, assim, distintos códigos morais e diferentes sensibilidades envolvidas nestas interações humanos-animais, envolvendo as transformações acerca das responsabilidades humanas sobre os animais e o tratamento dispensado a eles (Matos, 2012), especialmente no mundo urbano. Tais sociabilidades, que abarcam múltiplos contextos e espécies, desembocam na socialidade mais-que-humana abordada por Tsing (2019), que sugere a exploração dessas conexões a partir da premissa de que as relações sociais englobam interações entre seres humanos e não-humanos na contemporaneidade, incluindo as suas ruínas. Os gatos, enquanto “espécies companheiras” (Haraway, 2022), presentes em espaços cemiteriais são mais ou menos domesticados, relativamente asselvajados,

mas, de qualquer forma, participam do cotidiano do lugar mediante a convivência nas paisagens, pois os

[...] locais totalmente cimentados, como prédios abandonados e estacionamentos, moradia de ninguém e espaço de máquinas, são um simulacro da própria cidade, como são os sítios arqueológicos ou zonas de demolição. Os hospitais e os cemitérios são espaços dos moribundos e dos não vivos, zonas de passagem e não de permanência na cidade. Não sendo o espaço urbano da habitação humana, eles se tornam o ambiente propício à habitação não humana (Osório, 2013, p. 159).

As interações humanas com os felinos em espaços cemiteriais revelam complexas camadas de significados que envolvem os mortos, o sagrado e o cotidiano em relação aos vivos (humanos ou não). Por exemplo, em cemitérios europeus históricos, como o Père-Lachaise, em Paris, os gatos são parte do cenário cultural e turístico, sendo frequentemente fotografados e até "antropomorfizados" como companheiros dos mortos ilustres que ali estão enterrados. Já em cemitérios latino-americanos, sua presença pode ser interpretada como uma continuidade da vida animal que habita os espaços urbanos, mas também como parte do rico simbolismo que envolve os ritos de morte e ancestralidade que vibram no lugar. É o caso do Cemitério Santa Izabel e do Parque Cemitério Soledade, *loci* de pesquisa desta etnografia, onde foi possível observar mais de 30 gatos em ambos os cemitérios.

Os gatos costumam ficar espalhados, mas também formam conglomerados/associações grupais que constituem suas "famílias". As mães, conforme notamos, tomam muito cuidado com seus filhotes, já que nos cemitérios não há somente os felinos como animais *habitantes*, já que os cachorros também estão presentes - e no Parque Cemitério Soledade a presença de aves de rapina, como os carrapateiros (*Milvago chimachima*), é constante. Em relação aos cães, percebemos que alguns deles acabam mordendo ou brincando bruscamente com os felinos, ainda pequenos e frágeis, e o resultado costuma ser o óbito dos gatinhos. Por isso, é comum que as mães os escondam dentro de túmulos depredados e abandonados que ficam distantes das passarelas principais. Quem conhece o caminho e nos levou para observar os esconderijos foi a equipe de Controle de Endemias do Cemitério Santa Izabel, bem como os coveiros e os zeladores que, dentro do quadro de funcionários dos cemitérios, são os mais envolvidos com o cuidado desses animais, protegendo-os, como fazem as mães felinas, de outros perigos como as chuvas, colocando papelões nos túmulos escolhidos para seu refúgio e vermifugando os animais por conta própria, ou organizando coletas para custear os medicamentos necessários.



RODRIGUES, Elisa; SILVEIRA, Flávio | Gatos e humanos em cidades cemiteriais de Belém (PA): paisagens humanimais numa urbe amazônica | Tessituras | UFPEL | V13 | N2 | JUL-DEZ. 2025
Pelotas | RS

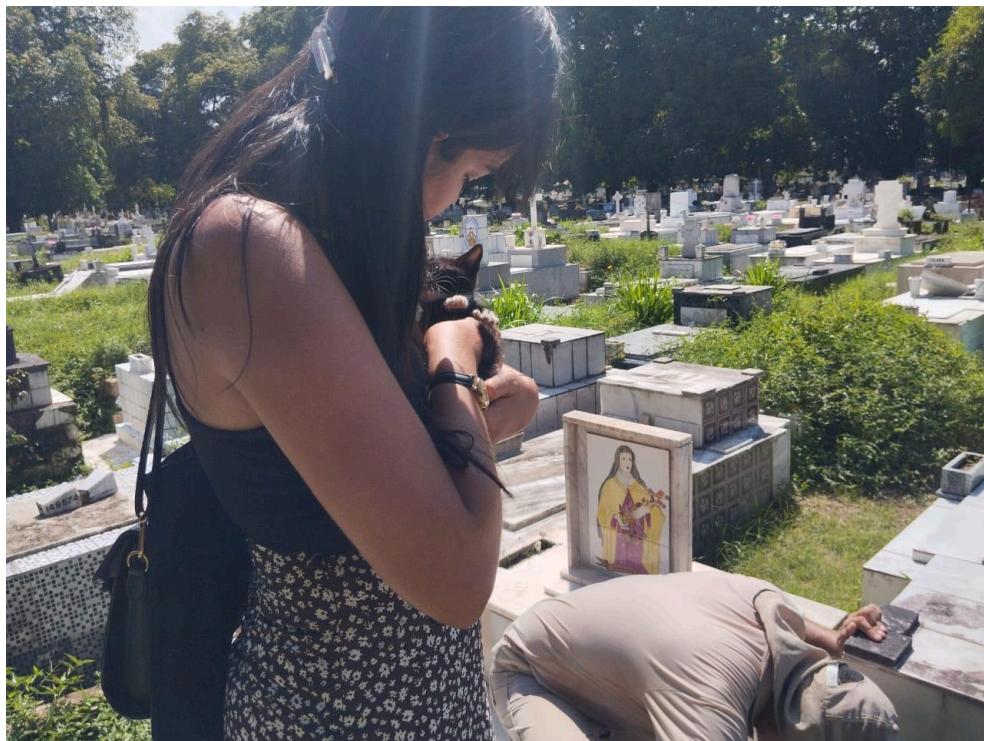


Imagen 6: Colagem- Resgate de gatos dentro dos túmulos no Cemitério Santa Izabel (PA). Fonte: Elisa Rodrigues, 2024.

Os visitantes e outros transeuntes que levam comida, brincam e fazem carinhos nos felinos dos cemitérios, imputam emoções, a partir das suas próprias percepções destes animais, que constituem uma extensão do sagrado, enquanto, em outros contextos, são ignorados ou mesmo temidos. Diversas modalidades de expressão de emoções são observadas em gatos, tais como os miados, movimentos corporais - faciais, com a cauda, mas também lambidas, mordiscar, dentre outros - como comportamentos individualizados e interações com humanos (e outros felinos), por exemplo. A comunicação interespécie é reconhecida nesse contexto. O ronronar desses animais, exemplificativamente, costuma ser interpretado como um indicativo de contentamento, prazer ou conforto pelos humanos. No campo da Antropologia das Emoções (Le Breton, 2019), como aponta Osório (2012), as trocas sobre a manifestação das emoções felinas destacam, de maneira própria, que “gatos tem cara, tem face, elemento individualizador, mas também expressa um olhar”, seja de alegria ou tristeza.

O apego às pessoas que os alimentam também ocorre com as pessoas que os acariciam. Os gatos que não são ariscos costumam brincar e, comumente, se jogam aos pés dos visitantes. Há os que tomam os corações dos trabalhadores do cemitério (bem como os dos visitantes e transeuntes) e tornam-se companheiros na rotina do necro-trabalho, como

é o caso do Satanás⁴, nome provocativo e propositalmente escolhido para um gato preto, dócil e de miado marcante. Vez ou outra, Satanás anda atrás dos vendedores de lanche para conseguir uma maior quantidade de comida e, sempre que pode, está ao lado das pessoas recebendo carinho e aconchego. Ele também é muito apreciado por quem transita no cemitério, sendo registrado na memória e no afeto dos que trabalham no espaço – evocado em narrativas e em registros fotográficos, por exemplo -, mas também dos que o encontram em visitas esporádicas e se comprometem a alimentá-lo em seus retornos. Foi assim que Satanás também se tornou nosso acompanhante durante as caminhadas etnográficas.

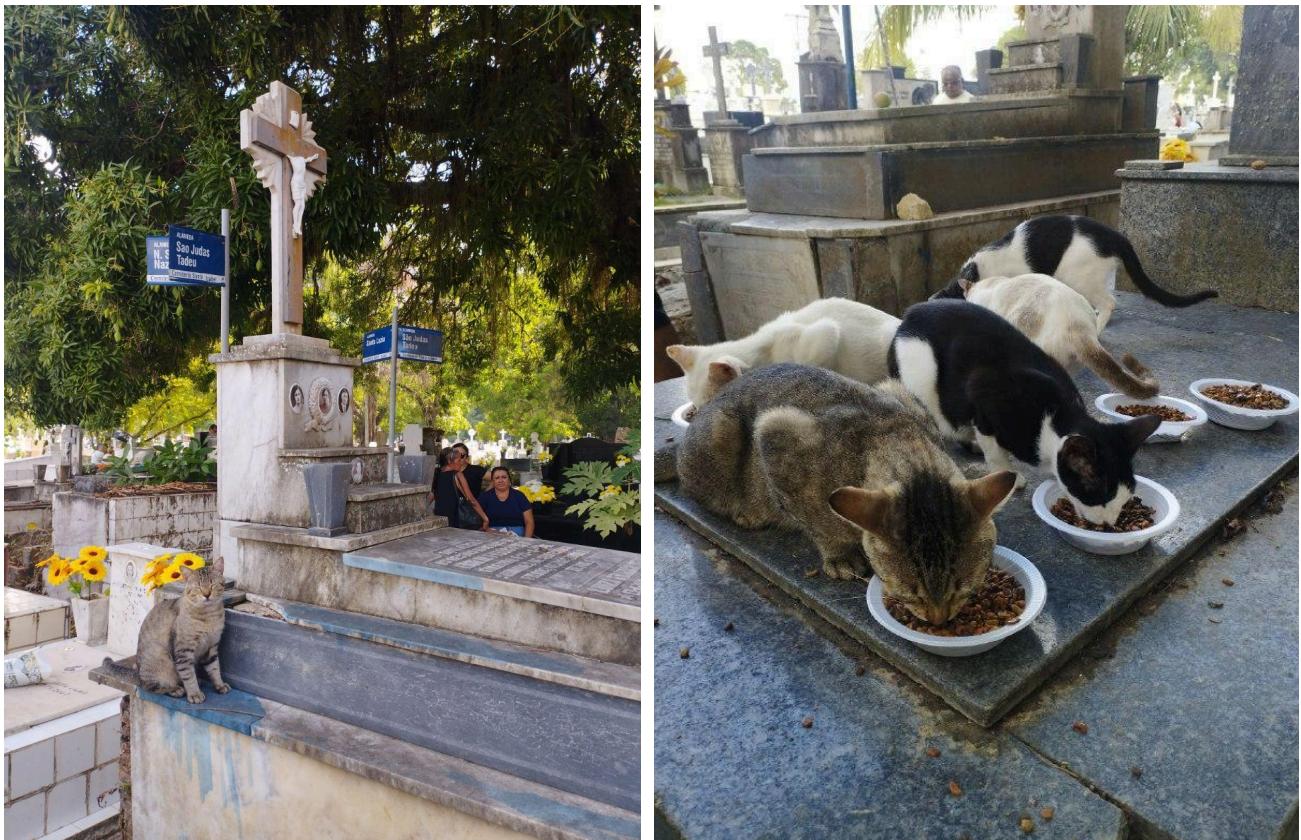


Imagem 7: Colagem- Gatos se alimentando no Cemitério Santa Izabel (PA). Fonte: Elisa Rodrigues, 2024.

⁴ Satanás foi escolhido como nome para o felino, pois, segundo os trabalhadores, foi deixado numa caixa de papelão preta dentro do Cemitério Santa Izabel, e só foi encontrado devido a seu miado mais grosso que o normal para um gato filhote. Ainda, segundo eles, o gato foi achado com lama ressecada em suas patinhas, fazendo com que conforme andasse, emitisse alguns sons. O animal estava machucado, como se tivesse caído de um lugar muito alto. Além disso, o gato fica em pé, sob duas patas, para pedir comida. Todas essas configurações fizeram com que os coveiros o associassem à imagem de Satanás, o anjo caído, criada pelo cristianismo, visto que é a religião da maioria dos trabalhadores cemiteriais.



Imagen 8: Colagem- Satanás, gato visitado no Cemitério Santa Izabel (PA). Fonte: Elisa Rodrigues, 2022.

Diferente do que se acredita, especialmente no Cemitério Santa Izabel, esses animais são bem cuidados, dormem na sala da administração e recebem afeto não só dos trabalhadores, mas também de muitos que visitam o local. E, embora o abandono de gatos permaneça alto, sempre que possível, os próprios funcionários fazem divulgação para adoção, especialmente em Finados, quando o trânsito no campo-santo se intensifica. Os coveiros, que são os profissionais da lembrança (Rodrigues, 2023) que trabalham em ambos os cemitérios aqui estudados, e outras classes de pessoas que cuidam dos felinos (zeladores, visitantes), além dos cuidadores voluntários que comumente se dedicam a eles, se colocam como responsáveis, protegendo os animais, além de comprarem coletivamente ração para alimentá-los, se responsabilizam com os encargos veterinários, e mesmo, captam imagens fotográficas para campanhas de adoção. Portanto, trata-se de uma rede de pessoas que, direta ou indiretamente, estabelece relações de cuidado com os felinos na cidade cemiterial.

Sendo assim, independentemente da relação que os profissionais engendram com esses bichos, é notória a integração dos mesmos aos seus locais de trabalho e a prática de seguirem os cuidadores que mais os alimentam: para alguns coveiros e zeladores, por exemplo, o ato de segui-los é tido como gratidão do animal - especialmente tratando-se dos cachorros, bichos mais apegados que os gatos, segundo eles. A humanização dos animais, especialmente aqueles de estimação, é recorrente em situação de abandono (SEGATA, 2012).

Foi o que observamos, a partir de caminhadas e deambulações interessadas com a câmera na mão (Rocha; Eckert, 2019), em trabalhos de campo realizados entre 2021 e 2024 no Parque Cemitério Soledade e no Cemitério Santa Izabel. Alguns cuidadores voluntários, como Angelina e Alcyte, se organizam em plantões e rodízios para que todos os gatos do Parque Cemitério Soledade sejam alimentados cotidianamente. Ainda, enfrentam, junto aos animais a estigmatização associada ao caráter quase solitário de se importarem com seu bem-estar, bem como relatam conflitos com a esfera pública da cidade e táticas de resistência frente ao descaso, abandono e possível remoção dos gatos que vivem no cemitério para outros lugares da cidade.

Os cemitérios, enquanto espaços liminares (Turner, 1974), apresentam baixo trânsito de pessoas e, portanto, pouca disponibilidade de alimentos, sendo então locais onde a morte dos felinos pode ser uma realidade palpável. Paradoxalmente, esses espaços liminóides, que não possuem habitação humana e poucas pessoas, tornam-se lugares a partir da habitação destes animais, que com seus grupos, relações e rotinas, constroem o espaço através de suas convivências com os humanos que ali trabalham ou que se deslocam ao local para cuidá-los.

No processo de feitura da etnografia, notamos que as práticas de cuidadores e protetores voluntários - entendidas por eles como um trabalho -, com os animais abandonados em cemitérios é multifacetada e desempenha um papel essencial, tanto no bem-estar animal, quanto no equilíbrio do espaço cemiterial como um ambiente de sociabilidades complexas. Esses voluntários assumem, de maneira informal, funções que

envolvem atenção física, de profilaxia e de caráter emocional, para com os animais abandonados, além de lidarem com desafios éticos, legais e sociais inerentes a essa atividade. Os cuidadores fornecem alimentação, abrigo improvisado e cuidados médicos para os animais que habitam os cemitérios. Muitos desses locais se tornam refúgios para gatos, cães e outros bichos abandonados na cidade, que encontram ali um espaço relativamente seguro, mas ainda vulnerável a intempéries, fome e doenças. Os voluntários, frequentemente, assumem a responsabilidade de custear e organizar castrações, tratamentos veterinários e vacinação, muitas vezes sem apoio institucional.

Dentre as ações desenvolvidas pelos cuidadores voluntários, destacamos suas atuações enquanto mediadores entre a comunidade local, as administrações dos cemitérios e os próprios animais, no sentido de mobilizarem negociações que viabilizem a permanência dos felinos no local, preservando seu bem-estar. Em muitos casos, os cemitérios são espaços de conflitos, onde os animais podem ser vistos como incômodos, prejudicando a imagem de tais ambientes, ou, ainda, como parte física e simbólica (e, portanto, ambígua e contraditória) das paisagens que constituem as cidades dos mortos. Os protetores tentam sensibilizar visitantes e administradores para a importância do respeito em relação aos animais, articulando ações que giram em torno de campanhas de conscientização até mobilizações para impedir maus-tratos no ambiente cemiterial.

Os desafios práticos e sociais também demandam outras atenções quanto aos felinos. Os voluntários enfrentam desafios consideráveis, como falta de recursos financeiros, preconceitos de parte dos visitantes ou administradores, bem como a dificuldade de implementação de políticas públicas que apoiem suas ações nos limites do território dos mortos. Em muitos casos, eles dependem de doações ou recursos próprios para continuarem suas atividades de cuidados. Além disso, a necessidade de gestão quanto ao impacto ambiental causado pela presença dos animais, como fezes e danos a jazigos, exige soluções criativas e empatia para evitar o aumento de tensões entre os diferentes atores envolvidos no cotidiano cemiterial.

Apesar de todas essas implicações, percebemos, mediante as investigações etnográficas, que a presença dos cuidadores e dos animais modifica as dinâmicas sociais dos cemitérios, ampliando as formas de sociabilidades para além das interações humanas (Simmel, 1983), pois as interações humanos-felinos nestes contextos são vívidas e intensas, mas, não raro, contraditórias. Para algumas pessoas, os animais oferecem consolo emocional durante visitas a entes queridos, enquanto, para outras, podem ser fonte de desconforto. Neste sentido, os protetores tornam-se agentes cruciais na tentativa de equilibrar tais relações, ao mesmo tempo em que ampliam os significados do cemitério para além das atividades destinadas ao trabalho emocional do luto e dos rituais.



Imagen 9: Colagem- Gatos sendo alimentados por voluntárias no Parque Cemitério Soledade (PA). Fonte: Elisa Rodrigues, 2024.

Os dilemas existentes nos contextos cemiteriais estudados, permitem-nos perceber que a presença dos gatos em tais ambientes, considerando que, historicamente, no meio urbano, eles sempre foram banidos (mas antes teriam sido desamparados) de certas regiões e,

portanto, deslocados para áreas igualmente abandonadas – e os cemitérios não deixam de ser, até certo ponto, áreas vistas como tais – o que evidencia as complexidades dessa problemática humanimal na urbe contemporânea, dimensão da vida social que transcende questões meramente ambientais e alcança aspectos ético-morais e de saúde pública, entre outros. A coexistência de humanos e animais em espaços cemiteriais suscita uma série de reflexões sobre o tratamento dispensado aos felinos abandonados, e em como estes criam formas próprias de intimidade com as pessoas que transitam pelos espaços praticados, bem como táticas (Certeau, 1994) para sobreviverem junto aos humanos, os lugares e as infra-estruturas cemiteriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo mundo sabe: onde tem cemitério, tem gato (ChuEcco, 2016). A frase da epígrafe deste artigo nos instiga a pensarmos a constituição de paisagens urbano-cemiteriais para além de uma paisagem do medo, práticas estas fomentadas atualmente após a Requalificação do Parque Cemitério Soledade, potencializando espaços citadinos marginalizados a outras dinâmicas que não somente as de enlutamento, do medo e do ritual propriamente dito. O espaço cemiterial, isto é, a paisagem, comporta dinâmicas e (re)faz relações vividas por humanos e não-humanos *habitués* naquele contexto – não só da (con)vivência, mas das memórias – enquanto reinvenção das imagens e dos trânsitos ali compartilhados ao longo do tempo, percebidos sensorialmente e sensivelmente, porque praticados na urbe amazônica.

As relações entre os gatos e os humanos que realizam as paisagens cemiteriais de ambas as necrópoles aqui pesquisadas são, para além de todas as outras relações, formas de afeto e cuidado. “Gato de cemitério é gato amado e bem cuidado”, aponta ChuEcco (2016), e para além dos cuidados, as relações estabelecidas constituem o lugar e o particularizam através de vivências próprias entre seus integrantes e transeuntes *com* os felinos. Desta forma, torna-se evidente que lugares e sentidos não podem ser dissociados, sendo a memória um componente fundamental nessa relação, especialmente para a composição de paisagens, sejam elas urbanas ou cemiteriais. Contudo, é importante ressaltar que nossos sentidos e corpos transcendem aspectos puramente fisiológicos, uma vez que são construídos culturalmente e dotados de significados sociais. Assim, a forma como concebemos e definimos nossos corpos e sentidos exerce influência direta em nossa interpretação do mundo, bem como do nosso lugar nas paisagens que agenciamos, reinventamos e rememoramos.

Portanto, comprehende-se a relevância de estabelecer uma ligação entre os sentidos, as paisagens e as memórias mediante interação comunicacional simultânea e ativa. Essa interconexão se manifesta na vida cotidiana e, por conseguinte, nas análises e abordagens que realizamos. Assim, a memória “acaba enraizando-se no concreto, nos objetos, no espaço, nos costumes, nos gestos, nas imagens, nos imaginários, nas

mentalidades" (Focchi, 2011, p. 23) e, portanto, segue-se buscando observar aspectos relativos à morte, a cultura material e as paisagens urbano-cemiteriais produzidas a partir de trocas que as pesquisas etnográficas nos permitem abranger diante das complexas relações interespécies mobilizadas por humanos e felinos nas paisagens cemiteriais belenenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. *Le Chat*. In: BAUDELAIRE, Charles. **Les Fleurs du Mal**. Tradução e edição bilíngue por Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 112-113.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L. e ROENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória da cidade:** lembranças paulistanas. Estudos avançados, v. 17, p. 198-211, 2003.

DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint-Séverin. In: **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 103-139.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. V. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DESCOLA, Philippe & PALSSON, Gísli. 2001. **Naturaleza y sociedad. Perspectivas antropológicas**. México: Siglo Veintiuno, 2001.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**, 1300-1800. Tradução de Maria Lúcia Machado. 1ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

DEGEN, Monica Montserrat. ROSE, Gillian. *The Sensory Experience of Urban Design: The Role of Walking and Perceptual Memory*. **Urban Studies Journal**, Manchester, vol. 49, n. 15, p. 3271-3287, abr, 2012.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. 1ª edição. Lisboa, Presença, 1989.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003. DOI: 10.22456/1984-1191.9160. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160>. Acesso em: 20 jan. 2024.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". **Cadernos de Campo**, n.2005.p.155-161, 2010.

FOCHI, Graciela Márcia. Morte, cemitério e jazigos: reflexões a partir do cemitério municipal de Joinville/SC. **Revista Ágora**, Salgueiro, vol. 5, n. 1, p. 62-80, ago, 2010. Disponível em: <<http://www.iseseduca.com.br/pdf/revista5/6%20a%20morte%20cemiterio.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: UBU Editora, 2022.

INGOLD, Tim. **Humanidade e Animalidade**. Tradução: Vera Pereira. Companion Encyclopedia of Anthropology, Londres, Routledge, 1994.

LE BRETON. **Antropologia dos Sentidos**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MATOS, Líziane Gonçalves. (2012). **Quando a "ajuda é animalitária": um estudo antropológico sobre sensibilidades e moralidades envolvidas no cuidado e proteção de animais abandonados a partir de Porto Alegre-RS**. Tese de Doutorado (Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: _____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 49-181.

OSÓRIO, Andréa. Alguns aspectos simbólicos acerca do gato. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 12, n. 1,2, p. 233-259, 2010.

OSÓRIO, Andréa. A cidade e os animais: da modernização à posse responsável. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 143-176, 2013.

OSÓRIO, Andréa. Gatos também amam! Uma análise das perspectivas de protetores de gatos de rua. Anais da 28ª. **Reunião Brasileira de Antropologia (RBA)**. São Paulo, SP, 2012.

PARADA, Paula Andrea. Los cementerios reconocidos como paisaje cultural de las ciudades. **Paisagens Híbridas**, v. 1, n. 1, p. 114-131, 2018.

PELLINI, José Roberto. Devir: Sentidos e afetos na arqueologia histórica. In: **O Manual Routledge de Arqueologia Histórica Global**. Routledge, 2020. p. 249-263.

PERROTA, Ana Paula. As Leituras Elementares da Vida Acadêmica: Estudos sobre a Relação entre Humanos e Animais. **Blog do Labemus**, 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/07/13/as-leituras-elementares-da-vida-a>

[cademica-estudos-sobre-a-relacao-entre-humanos-e-animais](#). Acesso em: 20 jan. 2024.

POE, Edgar Allan. O Gato Preto. In: POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 157-171.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. (2023). **Espaços da morte na vida vivida e suas sociabilidades no Cemitério Santa Izabel em Belém-PA: Etnografia Urbana e das Emoções numa cidade cemiterial**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, 2023.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **Etnografia na rua e câmera na mão**. Studium, Campinas, SP, n. 8, p. 11-22, 2019.

SANSOT, Pierre. Les formes sensibles de la vie sociale. Paris, PUF, 1979.

SANTOS, José Nicolas da Silva dos. (2016). **Paisagem, sentidos e memória: o caso dos cemitérios aracajuanos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2016.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Companhia das letras, 1996.

SEGATA, Jean. (2012). **Nós e os outros humanos, os animais de estimação**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Tradução de Maria Lúcia Machado. 1ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

SILVEIRA, F. L. A. 2009. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar. In: Silveira, F.L.A.; Cancela, C. D. (Org.). **Paisagem e cultura**. Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, p. 71-83.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; SOARES, Pedro Paulo de Miranda Araújo. As paisagens fantásticas numa cidade amazônica sob o olhar dos taxistas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (Impresso), v. 27, p. 153-167, 2012.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade, um exemplo de Sociologia pura e formal. In: **Sociologia**. MORAES E FILHO. E. D. (org). São Paulo: Ática, 1983.

SUTTON, David. *Memory as a Sense: A Gustomelological Approach. Food, Culture & Society*, Los Angeles, vol. 14, ed. 4, p. 468-475, dez, 2011.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem. Uma perspectiva fenomenológica. **VESTÍGIOS - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, vol. 8, n. 1, p. 21-62, jan-jun, 2014.

TSING, Anna. **Viver nas Ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo.** Tradução de Lívia de Oliveira. 1^a edição. São Paulo, Unesp, 2006.

TURNER, Victor. **O processo ritual:** estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

Outras fontes:

CHUECCO, Fátima. **Gatos de cemitério, amados e bem cuidados.** Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/gatos-de-cemiterio-amados-e-bem-cuidados/243311586>. Acesso em: 20 jan. 2024.